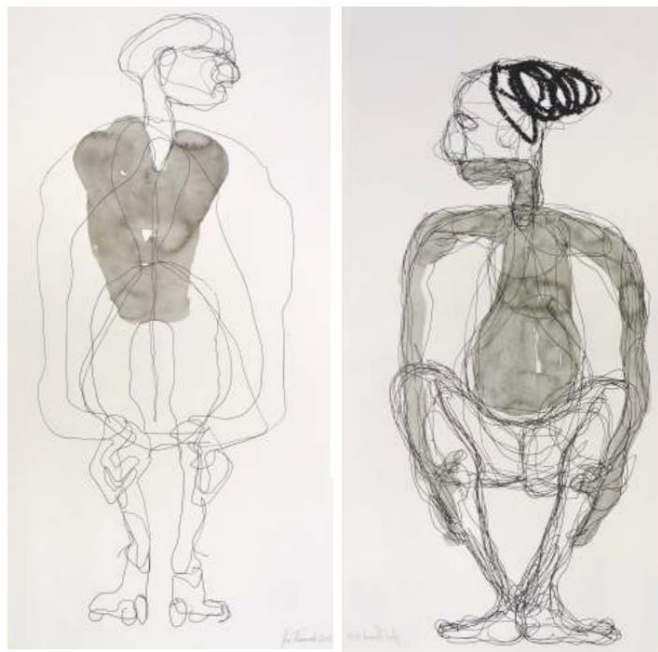


EXERCÍCIOS SOBRE NÓS, OS INFAMES



Org. Paola Zordan

INFÂMIAS APARELHADAS NUM SEMINÁRIO QUE ACONTECE

Simone Fogazzi - Diane Sbardelotto - Wagner Ferraz

Guilherme Schröder - Paola Zordan - Renato Levin Borges

Dani Noal Gai - Diego Marques

Imagens | José Fernandes
(detalhe: Atos, 2015, mista s/ papel)

Polichinello

AFORISMOS SOBRE A MINHA INFÂMIA

Simone Fogazzi

Características do aforismo, segundo Deleuze _ Ilha deserta e outros textos:

#Acaso – pensar junto, partículas do Fora, do Caos. Sem interiorizações, sem respostas diretas. Máquina pensante.

#Intensivo – intensidades vividas inscritas sobre uma máscara

#Humor – ironia, movimento dos humores, manifestações da consciência.

#Nomadismo – em relação do discurso soberano, contra-cultura: ora combate, ora é dominado.

Significado de Infâmia

n.f.

1. Comportamento, comentário ou atitude visto como moral e socialmente censurável; baixeza ou opróbrio; ação vil ou desonrosa: cometeu uma infâmia ao roubar a própria firma;

2. Atributo, característica ou estado de infame; aviltamento, indignidade ou torpeza: foi condenado à infâmia da prisão domiciliária;

3. Atitude ou comentário que desmerece, difama ou provoca o desaparecimento de uma boa fama: proferiu uma infâmia sem tamanho;

4. Desconsideração, desprestígio ou descrédito; perda de uma fama positiva; ignomínia.

(Etm. do latim: infamia)

fonte: dicionário de português online <http://www.lexico.pt/infamia/>

Texto 1: tipo denúncia de reclamante.

Vossa excelência,

Venho por meio dessa denunciar abuso por parte de funcionária desta empresa. Uma exibida soberba, a própria. Como se não bastasse ser elogiada pelo seu excelente trabalho, ainda esfregava na cara de todos seu trabalho de artista. E vende suas obras: mesmo sabendo que é proibido, uma vez que trabalha aqui não pode receber qualquer lucro de outra atividade. Além do mais, insiste em exibir uma figura enfeitada (inclusive usa maquiagem, falsificando a aparência) na presença de colegas, como outras colegas também o fazem, denegrindo a imagem da maioria - são umas falsas. E não para de falar de seu marido e filhos, desrespeitando as demais condições sociais. Além de tudo, rouba a estima devida a outros, pois brilha mais que todos. Eu mesma lhe avisei, portanto não pode argumentar ignorância. Solicito que seja afastada sem remuneração, pois se é tão boa como falam não lhe faltará dinheiro. E, o justo seria sua total exoneração, para o bem do convívio de todos, mas sou boa pessoa e não desejo mal algum, apenas justiça.

Texto 2: tipo confissão.

Confesso que gostaria de ter outras identidades, pois é mais fácil do que enfrentar a timidez. Um nome para dar palestras e apresentar trabalhos (talvez com outra aparência): enfrentar o público expondo minhas ideias e enfrentando questionamentos. Ainda outro nome (e cara) para expor trabalhos artísticos de toda natureza, assim não pesava esta vigilância que parece sempre comparar-nos em todas as nossas atividades (é assim com artista, assado como professora, desse jeito como mulher, etc.). Ser invisível seria o ideal, mas não tanto, talvez mais como imperceptível. Confesso que às vezes consigo passar despercebida ou, pelo menos, escondo-me atrás de uma aparente segurança. Somente em casa sinto-me totalmente à vontade.

Texto 3: tipo afirmação de vontade.

Estou velha. E, com isso, perdi a tolerância com a mediocridade, a falsidade e outras “idades”. Não engulo mais desaforo e não falo com quem não gosto. Perdi a vontade de suportar certas pessoas e suas fraquezas. Ainda consigo mandar à merda apenas mentalmente, mas suponho que com mais alguns anos e menos hormônios eu vá às vias de fato. Não aguento escutar queixumes e saio da sala sem cerimônia. Se me questionam digo que estou com diarreia – assim saio rápido e sem perguntas do tipo “por que demorei”. Se insistem no queixume já pergunto o que estão esperando para fazer algo a respeito. E estou dizendo por aí que meu ouvido não é pinico para avisar a todos que não me venham com xurumelas. Também não peço, nem faço favores – hoje negocio: toma lá, dá cá... Escolho bem as pessoas a quem vou estimar – antigamente amava sem ressalvas. Ainda sou

simpática, mas muito menos afetuosa. Afeto, agora, é para poucos. Não vigio a vida alheia, pois não me interessam em nada, gosto cada vez mais da minha própria. Mas se querem me explorar, dirigir meus pensamentos ou manipular minhas atitudes eu deixo a raiva falar mesmo. Trabalho porque gosto, mas cada vez escolho melhor sobre o que e como trabalhar. Não me deixo mais ser sobrecarregada.

VIDA INFAME CATEQUISADA

Diane Sbardelotto

Inventei resolução de que não se compraria para mim vestido todo branco, desses com rendas, tule e tudo o mais. Queria um que pudesse usar não só naquele dia, mas depois, na vida real, nos bailes. Por tal teima, me senti divergir forte das colegas de catequese. Experimentei um medo didático de quando se quebra uma regra - nunca mais faço isso - jurei-me falso. Sentada no banco duro da igreja, pus-me a me arrepender por meio de manchas vermelhas no colo, estas que me denunciam as culpas e fazem de minha pele alguém mais confiável do que eu, pelas quase duas horas que antecederiam minha Primeira Eucaristia, ou apedrejamento. Frente ao vestido, iam os braços cruzados na altura dos quase peitos, a fim de ocultarem aquele decote dourado, brilhante tecido de minha subversão, o ensejo pelo qual o padre provavelmente me negaria a hóstia, enquanto me censuraria diante de todos, e de Deus.

Felizmente, nos vimos na confissão antes da cerimônia e ele, que era doce e loiro como um Jesus, pediu-me: o que decorei, a mão, meus pecados. Nenhum comentário sobre o brilho, mas antes de me perdoar, perguntou:
- É só isso?

Não ter muitos pecados agora me parece bem infame, não para as outras pessoas, mas com a própria vida. Será que se me confesso infame já deixo de sê-lo? Continuei participando de cerimônias e usando vestidos, mas também por arte. Acabo de perder a aliança de casamento no mato, enquanto fazia fotos de mim mesma. Meu pai, que toda vida mandou-me estudar para não trabalhar na roça, agora me vê fotografando e depois me constrange contando aos conhecidos que eu andara em trajetos estranhos no mato. Só pode ser “coisa de artista”. Foi também essa a justificativa que usou em outro momento com o homem dos Correios que o fez abrir a caixa com uma de minhas pinturas e não quis remeter aquilo que chamou de roupas sujas de um acidente.

- Por que você faz essas coisas feias com panos? Minha mãe pergunta. Eu não respondo, nunca sei se ela está falando comigo, ela fala com tanta gente. A maioria que nem existe. Quero dizer, que nós, quando normais, alegamos que não existe. Sempre achei que podia ter “imaginação” como minha mãe, mas depois fui para longe dela, para não ficarmos parecidas. Se for para ser infame, que não seja da

classe dos controlados por remédios. Gosto de achar que tenho mais saúde do que ela, talvez isso seja pecado.

Se já me dizem “é coisa de artista” estou salva de dar explicações maiores e ser infame se torna mais tolerante para o mundo, menos infame. Mas juntar esta, com as outras ocupações simplórias como casar, deixar me perguntarem sobre filhos que como assim ainda não tenho? cuidar da casa, cozinhar o que como, costurar roupas, lecionar! é uma desfeita imensa com o destino que recebi de favor.

Se estava tudo certo até aqui e pequei pouco, para quê ser artista? E o imperdoável: se me aceitam como artista, para quê ser professora?

UM CORPO INFAME

Wagner Ferraz

O corpo (não) é infame. O corpo fede, azeda, secreta, vaza e escorre sêmen, suor, saliva, urina, chorume... No corpo se vê aquilo que se diz que se deve esconder, que se deve esquecer, que se deve omitir.

O corpo é culpado por tudo aquilo que é nojento e também por aquilo que seduz. O corpo é uma Lolita que lança uma rede e captura qualquer um com um simples batom vermelho, meia fina e um sapato de salto alto maior que os pés. Enlaça qualquer um com o cheiro que sai dos poros. Por mais que se reze ajoelhado no milho, por mais que se tenha a perna torturada pelo cilício, por mais que se cegue os olhos... o corpo continua a seduzir...

Todo e qualquer um quer corpo, quer se manter corpo e ao mesmo tempo se desfazer corpo, mas manter e desfazer sempre se dá de algum modo corpo. A única certeza que se tem é que o corpo é o beco sem saída.

Toda angústia e tesão é culpa dele. Desgraçado que arrasta os dias e cria a vida. Só ele tem a capacidade de tornar visível tudo àquilo que marca a vida. É ele que faz lembrar que o tempo passou, que a pele foi invadida, que os pulmões escarram e o orifício prazeroso cospe barro que um dia foi alimento. O corpo é culpado, nojento e seduz.

O corpo engana e faz uso do feromônio para atrair e ao mesmo tempo faz com que cheiro do suco gástrico espante quem olha para os lábios encantadores. O corpo não é digno do sujeito, pois para se tornar sujeito precisa se transcender o corpo. Mas ele não transcende, é imanente, é corpolente, é corposenti... por isso abre mão do sujeito inventado em troca do próprio corpo em si, em variação, em subjetivação...

A desgraça de cada corpo que se torna, está nos paradoxos que não se sabe dizer. A maior infâmia é mostrar a diferença performando num corpo que se torna corpo abafando as possíveis identidades.

Um corpo infame, insano, indigno... santinho do pau oco perdido numa oca de barro. O Corpo se fecha nas belezas padronizadas e nas visualidades produzidas

pelo monstro que rumina a si mesmo. Ele é o monstro com auréola que mastiga os próprios lábios e faz de si diferença.

Entre a norma e singularidade.

POESIA INFAME

Guilherme Schröder

Não, eu nunca ganhei os cem metros rasos.

Não, eu nunca subi o Everest.

Não, eu não faço malabarismos acrobáticos
no *Cirque du Soleil*.

Eu, nem mesmo pensei em correr mais rápido que
todo mundo, ganhar medalha, chorar por ser reconhecido
mundialmente e quebrar algum recorde.

Até corro pra fazer vento, mas não quero chegar a lugar nenhum
Eu talvez fosse mais pro lado dos xerpas,
aqueles tantos nativos que sobem o Everest, indicam as rotas
e ainda carregam toneladas de materiais dos alpinistas mas
que não cravam a bandeira e não tiram fotos “louvosas” no
topo da montanha.

Eu até gosto de jogar bolinhas pra cima e
pegar de volta, gosto de balançar malabares e fico tentando
andar no monociclo, mas prefiro fazer isso dentro do quarto,
no canto da praça, nunca pensei que a Broadway fosse algo
que valesse o esforço.

Enquanto eu não participo das competições
para ser o melhor atleta ou malabarista também não caí no
crime, não fui vender drogas. Bom, quase morei na rua, ou
praticamente, ocupei casas, prédios, passei noites
acordado.

Fico aqui encolhido no canto das conquistas
inúteis, um qualquer que nunca publicou um livro nem nunca
foi celebridade por motivo algum.

Mas justamente esta infâmia é que me
satisfaz. Não quero ter a pobreza em mim, de precisar

correr tão rápido os cem metros até que os pulmões estourem junto com os músculos e joelhos, isto tudo para ganhar uma medalha, que se for mesmo de ouro, não vale nada, pois ninguém pensa em vender.

Das minhas faltas de ousadias sinto uma satisfação tão grande. Miseráveis os que correm, saltam, escalam, dão cambalhotas. Idiotas, atrás de quanta miséria correm, quanta vida falta pra querer o cume? Eu coço o cu. Talvez dê tanto prazer, ou mais do que dura a vitória. Coço o cu infame, e que prazer que basta.

Deixo a barba crescer e tiro uma catota do nariz, às vezes me vem uma vontade de escrever, mas nunca quis ser Paulo Coelho, então nem vai.

Coitados dos que fazem tanto por não serem nada. Mas nada pra mim basta!

INFÂMIA EM CINCO VERSÕES

Paola Zordan

I- inevitável serviço

Infame é a vida que se perde no esticar dos lençóis para secar no varal apertado da área de serviço. Doze pares de meia, dez calcinhas que acho um absurdo colocarem numa tulha, sete camisetas que demoram para secar, quatro camisas que é melhor secarem em cabides, três calças, minha blusa de ginástica, o top, as blusas femininas que podem ir para dentro da máquina. A cada maquinada, horas. A cada hora um serviço. Roupas para dobrar, varal cheio a ser recolhido, louça suja, plantas com sede, coisas fora do lugar, cisco incomodando tato e respiração, pelos a serem retirados, o pão queimou, leite esquecido no tempo esparramado no fogão. Resquícios da natureza na superfícies incólume a qual queremos nos entregar. O alto preço de uma cama perfumada e limpa. O desgaste físico no arrastar a mobília. Uma fome que só pode ser saciada pela minha ação. E a imensa fome alheia, perguntando o que vai ter de almoço, enquanto o telefone toca perguntando se eu já assinei ofício e as mensagens instantâneas cobrem términos de leitura. Textos esperam, o ferro de passar farda é para agora.

II- tempo infame

Lavar a cabeça com xampu e condicionador = 12 minutos. Arrumar duas camas de solteiro e uma de casal com cobertores = 23 min. Maquiagem matinal = 4 minutos. Triturar e ferver café = 9 minutos. Fazer a feira de rua no sábado = 2 horas 4 minutos. Limpar os vidros e os parapeitos e balaustradas de muitos metros de janelas = 2h 47. Escrever um parecer consubstanciado = de 6 a 8 horas. Deixar o arroz pronto = 16 minutos. Comprar aviamentos = 27 minutos. Fazer uma boa sobremesa = 10 + 15 + 10 = 35 minutos. Apresentação em salão de iniciação e ensino = 10 minutos. Visitar alguém no hospital = 31 minutos. Tirar pó de uma estante e recolocar os livros no lugar em ordem alfabética de acordo com o assunto = 2h 38 min. Exposição de convidado em mesa-redonda = 30 minutos. Uma aula de ginástica ou fisioterapia = 1 h. Abastecer o carro = 16 minutos. Ler os trabalhos de até três páginas uma turma de alunos universitários = 3 horas e 13 minutos. Secar o cabelo de qualquer jeito = 11 minutos. Pagar uma conta na internet = 8 minutos. Almoço com assado, cozimento de legumes e salada lavada cuidadosamente, seca na centrífuga de folhas e bem picada para toda a família = 1h 44min. Preparar uma palestra sobre o que já se sabe = 3 horas 29 min. Costurar um fundilho aberto = 42 min. Passeio na roda-gigante = 8 min. Episódio de

minissérie= 42 min. Manicure= 1 hora e 46 minutos. Preparar uma aula bem referenciada para pós-graduação= 6 horas e 37 minutos. Entre colocar na máquina e estender a roupa colorida da semana= 1h 54min. Ler uma tese= 7 horas e 58 minutos. Revisar um texto de quinze laudas = 5 horas 19 minutos. Aspirar cento e picos metros de apartamento= 1h 31min. Aula de colégio = 50 minutos. Trocar o absorvente interno = 3 minutos. Ler uma dissertação= 4 horas e 18 minutos. Guardar tudo o que está fora do lugar espalhado pela casa= 35 minutos. Trocar o óleo = 30 minutos. Palestra ou conferência= 1h. Tempo para guardar a roupa passada= 10 minutos se não houver uma infinidade de cuecas. Compras semanais no supermercado que conhecemos o lugar das coisas= 45 minutos. Escrever um artigo= 49 horas. Secar cabelo fazendo escova = 35 minutos. Guardar as provisões da semana lavando as frutas e colocando os suprimentos nos seus devidos potes= 28 minutos. Comunicação em congresso= 20 minutos. Passar pano no chão de toda a casa, cuidando bem dos cantos e arredando os moveis= 1h 43min. Cozinhar o feijão na panela de pressão= 1h. Tempo de estender um varal bem cheio= 20 min. Submeter artigo em revista que não se tem cadastro = 34 minutos. Limpar a sola de seis sapatos = 17 minutos. Formatar um texto dentro das normas do edital= 1h 49min. Maquiagem para festa = 25 minutos. Ler um livro que se deseja e nunca se tem tempo para se chegar a ele= tempo que não se conta.

P.S. Doce de ovos= quebrar os ovos e separar as gemas= 6 minutos + coar as gemas= 4 min + fazer a calda= 28 min + dar o ponto = 12 min = 40 min de uma delícia impossível de ser considerada infame, especialmente se acompanhado de vinho do porto do Vale D'Ouro.

III – sem mãe

Ter fome e só poder comer se parar com tudo para poder cozinhar.

IV – trânsito

Minha infâmia andava no T5, hoje anda de T9. Minha infâmia perimetral nas avenidas de asfalto ainda liso. Sem perímetro nas linhas de ônibus onde os corpos viajam apertados. Descer a Liberdade numa motoca barata que mesmo nunca a chegar a 80 km/h faz o corpo se esquecer do esmagamento infame de um passageiro no coletivo. Uma vez motorista, na solidão espaçosa de seu carro, o corpo trancado entre outros carros sofre sua inevitável prisão. É possível deixar de ser infame escutando *Jesus of suburbia* em múltiplas atenções no câmbio no sinal na direção na preferencial no acelerador no freio com as coxas comprimidas sobre o banco de couro confortável de uma cápsula automobilística refrigerada?

V- universal

Não querer ser besta. Deixar de fazer as coisas com os dentes. Mania de usar os dentes como alicate. Humano é agir com as mãos. Mesmo assim a verdade mais pura continua sendo expressa pelo rabo. A humanidade tenta criar verdades nas palavras, mas tudo o que encontra são desvios conceituais. Não passamos de animais. Belos, deploráveis, irritadiços, cansados e estimulados por rações. Sofremos porque precisamos variar. Queremos mais que essa réis que devoramos com gosto. Deixar de comer carne não nos torna menos bicho. Deixar de beber não nos garante que voltemos aos não adulterados estados de graça. Medicamentos que salvam, venenos que adoecem. Infame é padecer no leito sem cheiro de amor em tratamento hospitalar. Ser vítima da falta de coesão e da ineficiência da clínica que hoje estão praticando. Não conseguir correr. Ter uma pereba cada dia pior e não conseguir parar sequer para marcar uma consulta. Estar com exames atrasados. Inaugurar a casinha mortuária revestida de azulejos de banheiro em cemitério de subúrbio. Estar numa mesa de banco comprido forrada de papel pardo e ter apenas refrigerante para se beber. Flores de plástico com pétalas de tecido. Coroas mortuárias duradouras para caveiras com dentição completa.

SOBRE A VIDA (SER) INFÂME

Renato Judz

Entrei em um banheiro público em um hospital igualmente público. Enquanto eu entrava, saiam das duas cabines do toailete dois sujeitos: um engravatado e outro envolto em trapos.

O engravatado tinha doutor escrito em seu reluzente crachá; já o maltrapilho não tinha nada escrito em suas roupas - dizem que é necessário arrancar os signos das marcas de grandes empresas de seus trapos para não ser roubado nas ruas, afinal, todos temos tesãozinho pelos grandes signos do Capital.

Voltemos ao banheiro: eu entrando, eles dois saindo. Verifico uma das privadas: está entupida de merda. Tento o outro box: também entupido de merda.

Pelo cheiro e aspecto não consegui distinguir qual daquelas merdas provinha de um organismo doutor, com renome, salário umas 15 vezes acima da média de um sujeito ordinário de nosso país, produzida provavelmente por uma gama de comidas com nomes francesinhos e qual era a merda de alguém que se alimentava como uma varejeira, comendo todo tipo de resto de comida, essas tais quais o próprio sujeito maltrapilho, sem nome.

A diferença entre essas duas existências residiria, então, em saber qual dessas ascendeu a condição de poder produzir seus excrementos em uma combinação de comidas com nomes estrangeiros e qual produz os seus em combinações de alimentos inomináveis."

PROFANUM VULGUS

Dani Noal

infame é ser tanto vaca
menos profana
quicá há
quase só no templo

inflame-me em ti
tua boca língua sexo em mim
amor romântico aqui.

ladra com suas tetas.
divinas curvas. cruzes.

blues. punk. brega. diz.
meu bem além do mal

quero tua alma.
venha alma.
nada de sermos sendo caretas.

sem pau
sem caralho etc e tal
deusa leite e cara

A PEQUENA INFÂMIA

Diego Marques

A infâmia que destaco aqui é muito comum: a do ressentimento.

Por não poder ser da vida fugitiva que se chocou com o poder em um ínfimo momento: é melhor deixar a mostra uma vontade alternativa nunca concretizada que um pequeno desvio insignificante e cotidiano; nesses nossos tempos de visível. Daquela vida que somente à espreita encontra beleza nas outras que não em si mesma. Daquela que admira relatórios policiais em frente à telas brilhantes. E que no não admitir a si mesma conta as horas para o fim do turno de trabalho. Devia ter feito algo melhor das minhas mãos além de usá-las para me dopar das mais variadas maneiras, disse alguém. Mesmo em tempo relativos, tocar piano é melhor que clicar na frase “veja fotos de bruna marckezine pelada”.

Por não me considerar infame o ressentimento logo toma o seu argumento: ele, o infame, tornou-se capturável e capitalizável. Infâmias individuais que não alteram o coletivo e são postas como exemplos. A infâmia dos pós 2000 tornou-se vitrine de luxo de uma individualidade que se diz contra a massa. E o ressentimento tornou-se duplo em meu destaque: não posso tornar-me uma breve nota em relatórios que na posteridade serão valorizados ao mesmo tempo em que não aproveito a valorização do que poderia ser um *status* social.

No fundo, gostaria de ser um singular reconhecido.

MALHA, *Movimento Apaixonado para Liberação de Humores Artísticos*, funciona coletivamente, em diversas composições de corpos oriundos de muitos cursos e campos, operando nas margens do Grupo de Pesquisa *Arte, Corpo, enSigno* (ARCOe/CNPq) e criando textos, performances e poéticas em instituições educacionais, via ações de aderência e outros encontros. Os que aqui compõem seus fragmentos num só texto participaram de um Seminário Especial ligado à pesquisa *Aparelhos Disciplinares: poéticas, micropolítica e educação*, oferecido em 2015/1 no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS. Ministrado por **Paola Zordan**, a proposta aqui apresentada era uma escritura em torno do texto *A vida dos homens infames*, de Michel Foucault. **Guilherme Schröder**, anarquista, é sociólogo e mestrando. **Diane Sbardelotto**, performer e cenógrafa, está terminando a Licenciatura em Artes Visuais e ingressando no Mestrado. **Simone Fogazzi**, ilustradora, pintora e professora de Artes do Colégio de Aplicação da UFRGS, é Mestre. **Renato Levin Borges**, roqueiro e professor de Filosofia, mais conhecido como **Judz**, recém acabou o Mestrado. **Wagner Ferraz**, performer, coreógrafo licenciado em Dança e **Diego Marques**, professor de História, são doutorandos. **Dani Noal Gai**, recém Doutora em Educação, é educadora especial e professora da Faculdade de Educação da UFRGS. Essa proposta, assim como outras do ARCOe e MALHA, tem a intenção de incentivar a criação literária e artística em trabalhos acadêmicos.

Paola Zordan é Bacharel em Desenho, Licenciada em Educação Artística, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, na mesma instituição é professora do Programa de Pós-graduação em Educação na linha de pesquisa Filosofias da Diferença